

Apresentação

“Educação e Resistência”

A organização desse dossiê é marcada pela premente, diária e inegociável necessidade de **resistir!** No Espírito Santo, as políticas de austeridade, as violações de direitos humanos, o sucateamento da saúde, da educação, da segurança pública¹ têm levado todos aqueles que se comprometem com a vida humanizada a se revoltar, posicionar e lutar. No Brasil em geral, não é diferente e a cada dia levamos um golpe do ilegítimo presidente Michel Temer: desmonte de programas sociais, como o “Minha Casa, Minha Vida” e “Ciência sem Fronteiras”, congelamento de verbas públicas por vinte anos, “reformas” (do ensino médio, trabalhista e previdenciária), lei da terceirização, abertura do pré-sal para estrangeiros, privatizações, redução do orçamento das universidades - deixando-as à míngua, para tentar fazê-las morrer de inanição. É tudo desesperador e, a cada retrocesso, temos a sensação de que nada poderá nos tirar dessa profunda crise política, econômica e social. No entanto, é preciso, mais do que sobreviver, criar as condições dignas de vida - para todos e não esmorecer ante ao quadro desalentador que se mostra.

O dossiê “Educação e Resistência” conta com a contribuição de companheiros de diferentes universidades, que, por um lado, nos revelam a perversidade das políticas que enfrentamos, mas, por outro, nos auxiliam a analisar a situação de crise e identificar formas de resistência que precisam ser fortalecidas e ampliadas.

O primeiro artigo, de Ana Lucia Coelho Heckert (UFES, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional), discute a relação entre direitos humanos e a gestão de políticas públicas. A autora nos chama à

¹ É importante ressaltar que essa referência ao sucateamento da segurança pública não diz respeito ao número de presídios existentes ou em planejamento, pois isso, sim, tem recebido a devida atenção, ante aos interesses financeiros envolvidos. A menção, aqui, é justamente sobre o aprisionamento em massa, a falta de condições de trabalho das polícias (agentes, peritos, soldados, cabos... E não de tenentes e coronéis), o modelo estético que se sobrepõe sobre o modelo ético e as políticas de criminalização da pobreza.

responsabilidade, advertindo-nos que a razão cínica que permeia nosso trato com as políticas públicas pode nos levar onde não queremos/devemos ir, com a banalização de nossas práticas, contra as quais é preciso resistir, em todos os campos.

O segundo texto, de Marise Ramos e Gaudêncio Frigotto (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), nos conta a história de contrarreformas do Ensino Médio que tivemos no Brasil e as formas de resistência vividas, que nos indicam que “Resistir é preciso” e que as lacunas da Lei 13.415/2017 nos permitem combatê-la, assumindo tarefas propositivas, inclusive.

Já os companheiros de Goiás, pertencentes a diferentes instituições, escreveram o trabalho sobre as ocupações estudantis e apresentam uma importante reflexão a partir da experiência dos secundaristas goianos na defesa da escola pública, que se tornou, ela mesma, um processo educativo. Nele, houve enfrentamento do aparato repressivo do Estado e elaboração de um projeto político pedagógico construído durante as ocupações, que foi apresentado à Secretaria de Educação quando o último colégio foi desocupado. A experiência de Goiás demonstra que outra escola pública é possível, com conteúdo, qualidade e com outras formas de organização política e pedagógica.

Na sequência, Lígia Márcia Martins (Universidade Estadual Paulista - UNESP) e Saulo Rodrigues Carvalho (Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná - UNICENTRO) apresentam as relações entre a acumulação do capital e a educação escolar, nos permitindo compreender o distanciamento da escola daquilo com o que ela deveria contribuir: o desenvolvimento da consciência dos indivíduos. Os autores retomam aspectos da contrarreforma do Ensino Médio e das ocupações estudantis, com diferentes pautas e em diferentes momentos², que, mesmo com todas as contradições, expressaram capacidade de mobilização, engajamento e reação enérgica aos ataques à educação pública. Assim, Martins e Carvalho defendem uma sólida formação de professores como uma das estratégias de resistência, em função do lugar que ocupam na formação das novas gerações.

O quinto texto do dossiê é de autoria de Cláudio de Lira Santos Junior (Universidade Federal da Bahia - UFBA) e Tiago Nicola Lavoura (Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC). Tratando da relação entre luta política e educação escolar, os autores ressaltam, com tom ácido, o papel do sindicato

² Fechamento de escolas em São Paulo em 2015, a PEC 241 e a “reforma” do Ensino AMédio, em todo o país em 2016, e aqui podemos também acrescentar o caso de Goiás, já destacado no artigo anterior.

para a construção de pautas unificadas de resistência em defesa da classe trabalhadora em geral e da educação em particular.

Guillermo Arias Beatón, Professor Titular da Faculdade de Psicologia da Universidade de Havana (Cuba), defende a educação de qualidade como forma de colaborar para que os indivíduos tenham condições de resistir e lutar por justiça social. Para tanto, segundo o autor, é preciso “ser consciente”, tarefa que exige formas diversas de desenvolvimento humano, entre elas, a educação sistematizada por meio de um projeto que esteja na contracorrente ao modelo hegemônico em vigor.

O sétimo artigo é de Maria Cristina dos Santos Bezerra, Luiz Bezerra Neto e Victor Hugo Junqueira, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e nos apresenta os resultados de uma pesquisa que aborda “o processo de luta pela terra e por educação empreendida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no estado de São Paulo”. Os autores nos trazem informações de publicações dos movimentos sociais, revelando a perspectiva dos próprios trabalhadores, aliada à necessidade de mediadores teóricos adequados que sustentem a luta pelas escolas no campo. Vale destacar que a pesquisa realizada constata que os espaços mais organizados (escolas de assentamentos, em relação às escolas rurais em geral) têm índices superiores de resultados, o que reforça a importância da autoorganização e mobilização para a efetivação de educação de qualidade.

O último artigo, intitulado “A formação da consciência de classe dos sem-teto mediada pela experiência nas ocupações por moradia”, de Clarissa Zagotto da Cunha, Vinícius Oliveira Machado e Ana Carolina Galvão Marsiglia, elaborado no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da UFES, discute o problema da moradia, a necessidade das ocupações em prol da reforma urbana e seus desdobramentos. Sinaliza que, para além das conquistas (ou perdas) territoriais, as ocupações criam formas de gestão coletiva e fortalecem a construção do poder popular, experienciado por meio da formação política vivida nos espaços ocupados.

Tawfiq Zayyad (1929-1994) é considerado um dos mais importantes nomes da lírica de resistência palestina, surgida na década de 1950. Com uma linguagem direta, a poesia de resistência deu voz aos árabes silenciados pelo Estado de Israel e ocupou lugar importante para animar o povo palestino na luta pela liberdade. Um de seus poemas mais conhecidos é “Não iremos embora”, no qual ele é contundente e categórico sobre a necessidade da resistência, sob quaisquer circunstâncias. Longe de pretender qualquer sinonímia com as especificidades das lutas palestinas,

mas apenas tomando sua poesia como inspiração para que nos mantenhamos respeitosos, comprometidos e sensíveis aos sofrimentos humanos e para que estejamos atentos quanto ao sentido da educação para a transformação da sociedade, encerramos com parte do poema de Zayyad, desejando a todos uma boa leitura!

Aqui sobre vossos peitos
Persistimos
Como uma muralha
Famintos
Nus
Provocadores
Declamando poemas
Somos os guardiões da sombra
Das laranjeiras e das oliveiras
Semeamos as ideias como o fermento na massa
Nossos nervos são de gelo
Mas nossos corações vomitam fogo
Quando tivermos sede
Esprememos as pedras
E comeremos terra
Quando estivermos famintos
Mas não iremos embora
E não seremos avarentos com nosso sangue
Aqui
Temos um passado
E um presente
Aqui
Está nosso futuro³

Vitória, 5 de novembro de 2017.

Ana Carolina Galvão Marsiglia

Organizadora

³ ZAYYAD, T. Não iremos embora. In: BOND, R. A poesia palestina de resistência: O cantar dos que não se rendem. *Jornal A Nova Democracia*. Rio de Janeiro: Editora Aimerê. Ano II, nº 16, janeiro de 2004. Disponível em: <http://anovademocracia.com.br/no-16/905-a-poesia-palestina-de-resistencia-o-cantar-dos-que-nao-se-rendem>. Acesso em: 05 out. 2017.